

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2009 – Vol. IV

A IMAGEM DO ANALFABETO NO FILME *CENTRAL DO BRASIL*

Fabíola Helena de, CAMARGO
(Orientadora): Profa. Dra. Carmen Zink Bolonhini

RESUMO: O presente trabalho é uma análise da imagem do analfabeto no filme *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles.

Em uma determinada cena verificarei como a imagem do analfabeto está sendo revelada através das falas das personagens alfabetizadas, duas ex-professoras. Mas, principalmente observarei as relações de poder presentes e construídas através do discurso de Dora. Verificarei também, que tipo de discurso é feito pela personagem e qual é a sua importância na produção de sentidos construídos na cena.

Após estes levantamentos, buscarei a resposta da seguinte questão: qual é a imagem de analfabeto construída no filme *Central do Brasil*?

Palavras-chave: Linguística Aplicada, analfabeto, discurso, relações de poder.

Justificativa

Esta análise da imagem do analfabeto é importante porque poderá confrontar com estereótipos e preconceitos já formados e, diante de tais confrontos termos uma reflexão a respeito de nossa posição a esta imagem construída no filme.

Hoje podemos encontrar várias definições de analfabeto e muitas delas, talvez a maioria, carregam um caráter pejorativo.

Em um país capitalista e moderno, em que tudo é feito em favor do progresso, o analfabeto algumas vezes é rejeitado pela sociedade instruída e outras vezes submetido a ela. Ou ainda marginalizado, rebaixado por não possuir o domínio da escrita.

A importância de se discutir a imagem do analfabeto está ligada à importância de se valorizar e respeitar o indivíduo sem instrução como alguém inserido na sociedade moderna e não fora dela.

Muito se fala na mídia televisiva que o analfabeto não pode continuar na situação em que está e, que ele não consegue melhorar de vida, que sofre pelo fato de não conhecer o código da escrita e nem a leitura. Forma-se uma imagem estereotipada dos analfabetos e junto à imagem o pedido de “socorro” à favor destas pessoas: a alfabetização, como se esta fosse a salvadora delas.

Enfim, olhares preconceituosos que são incapazes de enxergar além. Olhares que produzem mais olhares. Que não são capazes de perceber quanto conhecimento um indivíduo analfabeto carrega consigo, algo que vai além dos conhecimentos escolares.

Tendo em vista esta importância, não poderia deixar de analisar em um filme nacional, como o brasileiro sem domínio de leitura e escrita é construído. Por se tratar de um filme em que o país está sendo retratado na tela, segundo o diretor Walter Salles, constitui-se um imaginário, constrói-se uma imagem de que analfabeto brasileiro é aquele mostrado na tela, o analfabeto genérico. Nesse filme este tipo de analfabeto é muito exposto.

O cinema tem o poder de construir imagens de formas tão reais que quem as vê acredita, fielmente, que o que está na tela é a pura realidade. E por já termos uma definição, ideologicamente nos imposta, a respeito do analfabeto, olhamos sem criticar tudo isso, pois já nos acostumamos.

Por ser uma fonte poderosa de transmissão, seja de informações ou reflexões, o cinema/filme consegue constituir imaginário que se fixa no indivíduo. Aí está a importância de se fazer uma análise crítica do filme: a preocupação em saber o que está sendo passado ao público e o que este tem captado.

Análise da cena do diálogo entre Dora e Irene.

Antes da análise gostaria de fazer algumas considerações a respeito do comportamento de Dora na cena a ser analisada.

No decorrer de todo o discurso de Dora poderemos perceber que ela quer se impor como uma autoridade, ou seja, quer mostrar que o poder está em suas mãos.

Poderemos observar, através da conversa das personagens, os sentidos que vão sendo construídos tanto pelo dito, como pelo não dito.

Trechos da cena

(1) Irene: (lendo) “Vi seu anúncio nos classificados de amor e realmente a sua descrição foi a única que me agradou ...”

(2) Dora: Esse desgraçado me fez escrever essa carta para dez mulheres diferentes.

(3) I: (lendo) “Sou alto ...”

(4) D: Oh ... (mostrando a baixa estatura com a mão)

(5) I: (lendo) “Tenho olhos castanhos, cabelos lisos ... e instrução superior”.

(6) D: (mostra com as mãos que o cabelo é crespo)

(7) I: (lendo) “Dizem que sou bonito.”

(8) D: O homem é feio que dói.

(9) I: Não; e a instrução superior? Não sabe nem escrever.

(10) D: Lixo.

(11) I: (lendo) “Jesus, você foi a pior coisa que já me aconteceu. Vê se pelo menos aparece para conhecer teu filho que pôs na idéia que quer te conhecer”.

(...)

(12) I: Não, não rasga essa, não. Uma criança querendo conhecer o pai, recompor a família.

(...)

(13) D: O homem é um bêbado. Batia nela.

(14) I: Sim, mas o menino vai ficar sem pai?

(15) D: Melhor do que viver com um bêbado, que vai bater nele também. Não, decidido.

(...)

(16) D: Ta bom, consinto então que vá para a gaveta.

(...)

(17) I: Mentira, essas cartas ficam anos aí nesse purgatório.

(18) D: (risos) Semana que vem eu boto no correio. Senta aqui, vai. Vamos trabalhar.

(...)

A análise

Na linha (2) Dora adjetiva seu cliente como um desgraçado, sua entonação é de alguém que está com raiva do cliente. O fato deste “ter feito” Dora escrever dez vezes a mesma carta provocou certa revolta nela. O que a faz decidir jogar a carta no lixo, sem qualquer sentimento de culpa.

Em seguida, em (4), Irene continua lendo a carta e Dora apenas emite um pequeno som, como comentário a respeito do rapaz da carta. Sua fala é representada por uma gesticulação. Ao mostrar com as mãos a altura do dono da carta ela não diz que ele é “baixinho”, porém o gesto fala por si só.

Pode-se pensar que se Dora falasse da estatura do rapaz, dependendo de seu tom de voz, da entonação com que ela pronunciasse, poderia revelar desdém da parte dela em relação a pessoas de baixa estatura.

O mesmo ocorre em (6) quando a personagem Dora não diz que o cabelo do rapaz é crespo. Ela não diz que o cabelo é deste tipo, mas subentende-se que

seja devido ao movimento das mãos e do som emitido por Dora. Se esta oralizasse a respeito do tipo de cabelo de seu cliente, também revelaria desdém, além de preconceito.

Neste momento do filme há um clima de descontração, o que faz com que nem todos os espectadores captem uma mensagem preconceituosa. Ao contrário, a cena parece engraçada, exatamente para dizer o que se queria ser dito, de forma não agressiva.

Na fala (9) Irene critica o fato de o rapaz ter dito na carta que possuía instrução superior. Ela, na verdade quer dizer que ele é um analfabeto e por conta disso não pode ter nível superior. Em momento algum ela pronunciou a palavra analfabeto, porém é possível compreender que é esta a palavra pelo seu sinônimo: não saber escrever.

Pode-se chegar a uma hipótese o fato de Irene não ter pronunciado a palavra analfabeto. Pensa-se que do outro lado da tela há milhares de espectadores e muitos deles podem se identificar com muitos personagens, inclusive os analfabetos. Se a amiga de Dora dissesse analfabeto, esta seria, talvez, uma forma ofensiva de se referir a tal pessoa. O não dito aparece como forma de não atingir, agressivo e desrespeitosamente.

Para muitas pessoas na sociedade, o analfabeto é visto como um ignorante em tudo. Nos dias de hoje a palavra ignorante é algo negativo e, muitas vezes ofensivo.

Em (10) Dora apenas diz *lixo*, mas não o que é lixo ou que vai para o lixo. Assim, podem-se ter duas compreensões possíveis: ou ela quis dizer que o rapaz era lixo ou que a carta era lixo e que, portanto iria para o seu destino. Se a personagem dissesse “este rapaz é lixo”, estaria ofendendo indivíduos como ele: analfabeto, feio, baixinho e com cabelo crespo. Por outro lado se ela dissesse que a carta iria para o lixo, ela estaria dizendo que o que ela escreveu, isto é, seu trabalho não prestava, ou seja, era digno de lixo.

No contexto em que a cena está acontecendo, a expressão lixo pode não levar o espectador comum a tais reflexões. Ele olha e entende que a carta vai para o lixo, apenas. Uma vez que a ação seguinte é Dora rasgando a carta e dizendo lixo, novamente. Talvez como forma de se justificar: a carta vai para o lixo e não o cliente é lixo.

Ao rasgar a carta Dora se auto adjetiva, com tal gesto podemos construir sua personalidade. O autoritarismo dela pode ser uma forma de mostrar quem é que manda e quem tem o poder. Uma vez que ela escreve cartas, ela é uma prestadora de serviços ou funcionária do analfabeto e que está sendo paga por seus serviços. Porém apesar de ela ser essa funcionária, ela ainda assim usa de autoridade para mostrar que o destino das cartas está em seu poder. Pois altera, como forma de “correção”, o que seus clientes ditam, ou seja, eles falam o que

querem e ela escreve o que ela quer, da forma que ela quiser, pois ela está no comando.

A seguir em (11) outra carta é lida por Irene. Diferentemente da carta anterior, aqui Dora justifica o porquê jogar a carta no lixo. Ela, de forma não dita critica o comportamento de Ana, dona da carta. A professora discrimina seus clientes, não somente por serem analfabetos, mas ela apela para o lado moral.

A crítica à Ana, mãe de Josué, pode ser observada na linha (13), quando Dora caracteriza Ana através da descrição do Jesus. Nas expressões *homem bêbado* e *batia nela* entende-se que a mulher da carta não se valoriza, não tem orgulho próprio. Já que ela se submete a querer viver com um homem bêbado e que bate nela. Na opinião de Dora isso é ruim, o melhor é que Ana viva sem ele.

Dora não adjetiva Ana explicitamente, mas podemos pensar que a professora estava tentando dizer que a mãe de Josué é uma desavergonhada, por querer viver com tal espécie de homem. Porém se Dora dissesse isto, traria muitos problemas, pois no Brasil existem milhares de casos como o de Ana e, condenar, criticar uma pessoa de tal maneira pela sua escolha é ser moralista.

Com tamanho autoritarismo, Dora se sente no direito de conduzir a vida de seus clientes, decidir o que é certo / bom e errado / ruim para eles. Ela não tem limite e se sente com poder absoluto, o poder divino (Orlandi,1987), pensando no caráter religioso do seu discurso. Esse caráter pode ser identificado em (17) quando Irene compara a gaveta ao *purgatório*, palavra esta dita geralmente em discurso religioso.

Podemos resgatar as palavras *céu* e *inferno* a partir de purgatório, fazendo assim um paralelo em relação ao destino das cartas: lixo = inferno; gaveta = purgatório e correio = céu.

Pensando na característica desse discurso, me fez observar o quanto Dora se coloca como Deus. Diferentemente do que diz Orlandi (1987.p 252) a voz de Deus não está sendo representada por um mediador (pregador, pastor, padre, etc.), Dora não age como se estivesse no lugar de Deus, mas como o próprio Deus. Ora, um representante não pode condenar ou salvar, imputar ou absolver as pessoas / cartas e ela faz isto.

Já Irene age como uma intermediária, tenta convencer Dora a ser mais flexível, tenta trazer o lado emotivo da amiga, o que é muito difícil de aparecer.

Todo autoritarismo e direito de interferir na vida alheia só acontece em um contexto social em que há relações entre pessoas com níveis de instrução extremamente opostos. O discurso de Dora e seu procedimento para com as cartas só ganha valor quando realizado “no contexto social e cultural apropriado” (Gnerre, 1985, p. 04), ou seja, com analfabetos e quando eles não estão presentes, já que a cena se passa na casa de Dora, onde somente estão ela e sua amiga Irene, sem a presença de nenhum de seus clientes.

Por se tratar de uma professora Dora já tem certo prestígio, uma posição com certo valor na sociedade. Tal posição recebeu o valor que tem hoje por outras pessoas com poder para determinar o que é de valor e o que não é (Gnerre, 1985, p. 19).

As atitudes de Dora só nos revelam que quem tem maior poder é quem tem acesso à escrita. Escrever cartas é uma prática social, que em Central do Brasil vem revelar a desigualdade social existente entre aquele que domina a escrita e o que não domina.

Pensando na relação entre Dora e os analfabetos, podemos dizer que ambos “são afetados por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual (Deus-Dora) domina o temporal (homens-analfabetos)” (Orlandi, 1987, p. 243).

Retomando meu tema de início, a imagem do analfabeto no filme Central do Brasil, temos que os analfabetos são dominados pelo alfabetizado, são dependentes deste e tem um valor insignificante na sociedade, pois nem suas escolhas são respeitadas, ao contrário, são dirigidas por aquele que se acha no direito de se intrometer na vida privada, no caso Dora.

Referências Bibliográficas:

- BARRÉ-DE MINAC, C. (2006). *Saber ler e escrever numa dada sociedade*. In: CORRÊA, M. L. G. e BOCH, F. (orgs.) *Ensino de língua: representação e letramento*, Mercado das Letras, Campinas, SP.
- GNERRE, M. (1985). *Linguagem, escrita e poder*. Martins Fontes, SP.
- ORLANDI, E. (1987). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, Pontes, Campinas, SP.